



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFROBRASILEIRA (UNILAB)
INSTITUTO DE HUMANIDADES(HL)
BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)**

Camilly Jayane Martins Lopes

A Invisibilidade da População Negra na História de Baturité-CE.

ACARAPE – CE
2020

Camilly Jayane Martins Lopes

A Invisibilidade da População Negra na História de Baturité-CE.

Trabalho de conclusão de curso a ser apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira UNILAB

Orientadora Prof. Dra. Joalice Conceição

ACARAPE – CE

2020

Camilly Jayane Martins Lopes

A Invisibilidade da População Negra na História de Baturité-CE.

Trabalho de conclusão de curso a ser apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira UNILAB

Data de aprovação

07/02/2020

BANCA EXAMINADORA

Orientadora Profa. Dra. Joalice Conceição

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira –UNILAB

Julgamento _____

Profa. M^a. Marcelle Daniele De Carvalho Braga

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira –UNILAB

Julgamento _____

Profa. Dra. Marlene Pereira dos Santos

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Julgamento _____

DEDICATÓRIA

A minha família, em especial minha mãe Raimunda Martins de Lima, carinhosamente conhecida por Julia, que sempre foi minha motivação maior, minhas irmãs Jane Karolyna que me incentivou a submeter a nota obtida através do exame nacional do ensino médio e me tornar parte dessa universidade incrível que é a UNILAB, Minha irmã caçula Katarina que tanto insistiu para o meu retorno a Baturité, que felizmente resultou também no meu regresso a vida acadêmica, e por muito mais não menos importante, aos meus avós maternos José e Fátima que tanto contribuíram para a minha educação

AGRADECIMENTOS

A priori gostaria de agradecer a Deus por pensar toda uma trajetória para mim., hoje acolho as experiências como parte da minha evolução como ser humano.

A minha mãe Raimunda Martins, por ser essa mulher guerreira, que em meio as dificuldades que a vida impôs conseguiu com maestria criar três filhas. Por todas as noites em claro, por não ter desistido de nós, por estar sempre tão presente em tudo, muito obrigada! Agradeço também a minha querida orientadora Joalice Conceição, por todo empenho e paciência! Aos meus amigos unilabianos, não citarei nomes para evitar a sequência, e assim caracterizar algum tipo de predileção, acredito saibam que todos são muito importantes pra mim. Agradeço também ao meu companheiro, Nixon, por todo amor e paciência e por fim, mas não menos importante, a banca, por ter aceito nosso convite, e por tratarem-se de pessoas que admiro e me inspiro.

“Aqueles que se sentem satisfeitos sentam-se e nada fazem, os insatisfeitos são os únicos benfeitores do mundo.”

(Walter S. Landor)

RESUMO

O presente projeto de pesquisa tem como objetivo central compreender de que maneira ocorreu ao longo da história a invisibilização da população negra, especialmente, a comunidade quilombola da Serra do Evaristo do município de Baturité. Através dessa pesquisa pretendemos analisar as narrativas da população quilombola, a fim de entender quais foram os efeitos causados desde a colonização portuguesa, identificar a participação da população negra no processo descentralização da imagem do branco enquanto protagonista da história municipal, bem como mostrar a importância dessa população negra como base constitutiva da história de Baturité. Como hipótese acredita-se que o enfraquecimento das culturas locais se deu a partir do momento em que a igreja aliada à coroa portuguesa utilizava artimanhas para desvalorizar e impor sua cultura tanto aos indígenas quanto ao negro, bem como, as dificuldades encontradas pelos munícipes em perceber que velar da história ancestral traz impactos negativos à formação identitária de Baturité, e por último o poder concedido às famílias de produtores e comerciantes na era pombalina predominante até hoje na trajetória baturiteense, principalmente nos cargos públicos e administrativos. Para a realização dessa pesquisa utilizaremos a abordagem qualitativa, aliada à pesquisa de campo e entrevistas semiestruturadas com captação de voz no gravador. Espera-se que novas interpretações da história baturiteense sejam evidenciadas a partir dessa pesquisa.

PALAVRA CHAVE: QUILOMBO, IDENTIDADE, TERRITÓRIO.

LISTA DE SIGLAS

IPHAN Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

CSU Centro Social Urbano

UNILAB Universidade Da Integração Internacional Da Lusofonia Afro-Brasileira

EJA Ensino de Jovens e Adultos

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. PROBLEMATIZAÇÃO	13
3. OBJETIVOS	14
3.1. OBJETIVO GERAL	14
3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	14
4. HIPÓTESES	14
5. JUSTIFICATIVA.....	15
5.1. REFERENCIAL TEORICO.....	17
6. METODOLOGIA	19
6.1. Técnicas utilizadas.....	20
6.2. Delimitações da pesquisa.....	20
6.3. Descrição dos participantes e critérios de participação	20
6.4. Os critérios adotados para escolha dos e das participantes da pesquisa serão:.....	20
6.5. Código de ética da pesquisa.....	20
7. CRONOGRAMA	21
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS.....	22

1. INTRODUÇÃO

Em 2015 tive o primeiro contato com a história da comunidade quilombola Serra do Evaristo, situada em Baturité – CE, município mapeado no Norte cearense com distância aproximada de 100 km da capital Fortaleza. A comunidade recebeu sua certificação em 2010, e através de uma pesquisa arqueológica realizada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN constatou-se ser habitada por indígenas desde 1300 (IBGE 2012).

Somente em 2017, ao regressar a minha cidade Baturité e ingressar no Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB tive a oportunidade de conhecer o quilombo. O contato com a narrativa local me fez idealizar o presente trabalho, cujo título é *A Invisibilidade da População Negra na História de Baturité-CE*.

Junto à vontade de saber mais sobre aquele território, veio também a dificuldade de chegar até lá, uma vez que fui alertada por uma colega moradora sobre a precariedade nos meios de transporte que dão acesso a localidade, que contam com apenas um pau de arara, descolando-se às seis da manhã com destino a sede de Baturité, cuja distância aproximada é de 12 km. O transporte retornando às onze e meia. Esse foi o meio de locomoção utilizado por mim. A localidade é de difícil acesso, tendo em vista que a principal estrada é estreita com muitas curvas, alguns trechos possuem calçamento de pedra e barro. É habitada 150 famílias, com aproximadamente 650 pessoas.

No decorrer da viagem conversando com os moradores, eles aos poucos foram expressando satisfação que sentem ao morar naquele local, mas mencionavam a dificuldade diária com a questão do transporte. Ao chegar, fomos recepcionados por Evandro, uma das lideranças da comunidade. Foi uma tarde produtiva, a qual pude perceber a importância que aquele território tem.

Tive outras oportunidades de regressar à comunidade, em uma delas participei de uma atividade idealizada por alunos da UNILAB, que nos proporcionou uma vivência no quilombo. Na ocasião fui acolhida durante quatro dias na casa de Lídia, a qual me recebeu com muita atenção. Durante um encontro com líderes da comunidade, eles relatam que foram cinco principais famílias que inicialmente povoaram terras da Serra do Evaristo: Os Bento, os Julião, os Leandro, os Soares e os Venâncio. Grande parte da comunidade afirma que suas terras foram

herdadas, perde-se no tempo como as cinco principais famílias chegaram ali, porém, a todo o momento a ancestralidade africana é afirmada, ao reconhecer a terra como um espaço habitado no passado por indígenas. Os moradores do quilombo da Serra do Evaristo assumem também a influência indígena em sua composição étnica. A herança étnica é lembrada, reafirmada não somente por meio da oralidade, mas também pelas práticas vivenciadas, sejam na forma de saberes materiais e imateriais, na medicina tradicional ou nas formas ritualísticas de festejar suas alegrias e crenças religiosas.

A comunidade preza pela união, é reconhecida e respeitada por diversas instituições de ensino pela forma na qual se posiciona na busca pela garantia de seus direitos. Os membros da associação de moradores narram com orgulho a forma como se articulam e dividem responsabilidades, que mobilizam desde as lideranças que estavam presentes nas lutas iniciais dos anos 80, até os jovens que por meio do grupo intitulado *Unidos Venceremos*, seguem perpetuando esse legado. Juntos lutam por mais conquistas e pela estabilidade dos direitos obtidos.

Há relatos no quilombo Serra do Evaristo que no início a comunidade era pequena, com o passar dos anos, as condições de trabalho e estudo foram sendo asseguradas. A evasão da população da Serra do Evaristo para a zona urbana era cada vez menor, houve ascensão de muitos jovens ao ensino superior, alguns concluíram sua formação acadêmica e optaram por permanecer na comunidade, a fim de contribuir para o avanço da mesma, que na época ainda não havia conquistado a certificação de conhecimento da comunidade enquanto quilombola. No entanto, com a permanência e constituição de novas famílias, as terras foram tornando-se insuficientes para boa qualidade de vida dos moradores. O que acarretou disputas entre a comunidade e os latifundiários.

A comunidade contou com parcerias das organizações Manus Unidos, da Espanha e a Alemã Kolping que até hoje estão presentes. Enquanto arrecadavam apoio financeiro, idealizaram a compra de um assentamento ao pé da serra, na qual seria uma extensão do quilombo. Todavia, o setor privado adiantou-se e efetuou a compra primeira. Sem outra opção, acabou por adquirir uma fazenda na zona rural de Aracoiaba - CE, município vizinho a Baturité. Após a compra, algumas famílias mudaram para lá, outros se deslocavam do quilombo para a fazenda nas épocas propícias para o cultivo, tornando a terra bastante produtiva. A fazenda recebeu o nome Manus Kolping, e desde então beneficia a comunidade através da plantação de grãos e hortaliças. O dinheiro arrecadado retorna para a comunidade em forma de projetos e melhores condições de trabalho. A conquista mais recente foi a compra de uma caminhonete

que transporta os agricultores entre o quilombo e a fazenda, e contribui para a distribuição dos produtos para o comércio. Desse modo, a terra parece ser para os quilombolas, o bem mais precioso. O espaço é cotidianamente vivenciado, onde a população mora, cultiva e luta por reparações históricas.

Mediante exposto, esse projeto de pesquisa pretende promover uma reflexão acerca das vozes silenciadas ao longo da história do município, desde o período colonial até os dias atuais. Com a intenção de instigar os munícipes quanto a história que nos é contada, tão somente a partir da invasão portuguesa, apagando a contribuição histórica dos povos indígenas e africanos que não estão presentes na história documentada, mas que podem ser reconhecidos por meio da oralidade que atravessa gerações.

O objetivo central do trabalho é compreender de que maneira ocorreu *A Invisibilidade da População Negra na História de Baturité-CE*. Alinhado como objetivos específicos, as oportunidades de colocar em tela, por meio das narrativas a história dos povos que foram prejudicados pela colonização portuguesa e Identificar o trabalho da população negra no processo descentralização da imagem do branco enquanto protagonista da história local. Para desenvolver tal projeto, irei utilizar autores como Ratts (2009), Barros (2002), Gomes (2010), dentre outros, que nos proporcionarão embasamento teórico para o desenvolvimento da investigação.

A presente pesquisa traz uma série de indagações a serem respondidas, tais como: Como se deu a invisibilização do povo negro na constituição da cidade de Baturité? Por que essa invisibilização está presente até hoje? Quais são os benefícios recebidos pela população branca com suas produções históricas, as quais têm os portugueses e demais personagens brancos como protagonistas da história de Baturité?

Para melhor compreender tais questionamentos, lançamos as seguintes hipóteses.

- Supomos que o enfraquecimento das culturas da população indígena e negra do território baturiteense se deu a partir do momento em que a igreja aliada à coroa portuguesa utilizava artimanhas para desvalorizar e impor suas culturas tanto aos indígenas quanto ao negro;
- As dificuldades encontradas pelos munícipes em perceber que velar da história ancestral traz impactos negativos à formação identitária de Baturité;
- O poder concedido às famílias de produtores e comerciantes na era pombalina

predomina até hoje na trajetória baturiteense, principalmente nos cargos públicos e administrativos.

A partir do que foi mencionado acima, justificamos a necessidade da realização de tal estudo. Para atingir os objetivos propostos neste projeto utilizaremos o método qualitativo, aliando com a técnica de pesquisa de campo, entrevista semiestruturada e análise documental.

No arcabouço desse trabalho consta a introdução, objetivo geral e específicos, justificativa, hipótese, fundamentação teórica, metodologia e referências bibliográficas. Além das partes supracitadas, pretendemos acrescentar breves conclusões finais acerca da produção deste projeto de pesquisa.

2. PROBLEMATIZAÇÃO

Segundo Barros (2010) a igreja católica foi a principal instituição a contribuir com a colonização portuguesa, desde a chegada dos jesuítas ao solo cearense, em especial às terras do Maciço do Baturité. A inserção da colonização se deu tanto na cultura quanto na economia local que sofreram uma série de modificações. Tal processo foi marcado pelas estratégias de desvalorização da população, de assimilação, manipulação, aculturação, resultando na escravização inicialmente dos indígenas e em seguida das negras e negros retirados forçadamente do continente africano, o que acarretou na dominação da capitania cearense pela coroa portuguesa.

A pesquisa tem a intenção de instigar os munícipes quanto à história que normalmente é contada, favorecendo personagens brancos, em detrimento da contribuição histórica dos povos indígenas e africanos que não está presente na documentação oficial de Baturité, mas que é reconhecida por meio da oralidade. Diante do exposto surgem diversas indagações: como se deu o silenciamento do povo negro no município de Baturité? Por que práticas discriminatórias em relação a população negra ocorrem até os dias atuais? Quem tem interesse na subjugação da população negra, especialmente os moradores do Quilombo da Serra do Evaristo?

3. OBJETIVOS

3.1. OBJETIVO GERAL

- Compreender de que maneira ocorreu ao longo da história a invisibilização da população negra, especialmente, a comunidade quilombola da Serra do Evaristo do município de Baturité – CE.

3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar as narrativas da população quilombola, a fim de entender quais são os efeitos coloniais percebidos durante a luta pela identidade negra, que já soma duas décadas.
- Identificar a participação da população negra no processo de descentralização da imagem do branco enquanto protagonista da história de Baturité – CE;
- Mostrar a população baturiteense a importância da população negra como base constitutiva na história local.

4. HIPÓTESES

De acordo com os questionamentos apontados anteriormente, lançamos as seguintes hipóteses:

- Supomos que o enfraquecimento das culturas da população indígena e negra do território baturiteense se deu a partir do momento em que a igreja aliada à coroa portuguesa utilizava artimanhas para desvalorizar e impor sua cultura tanto aos indígenas quanto ao negro;
- A dificuldade identificada nos munícipes em perceber que o velar da história ancestral traz impactos à formação identitária de Baturité;
- O poder concedido às famílias de produtores e comerciantes na era pombalina predominante até hoje na trajetória baturiteense, principalmente nos cargos públicos e administrativos.

5. JUSTIFICATIVA

Desde a adolescência me inquietava a antipatia de grande parte da população urbana de Baturité em relação aos habitantes das zonas rurais, em sua maioria negra. Por inúmeras vezes presenciei manifestações racistas em diferentes espaços da cidade. Onde as pessoas eram discriminadas por sua cor da pele, cabelo, a forma ao qual se expressavam, se vestiam, entre outras. A escola de ensino médio, na qual estudei, orientava os pais de alunos a preencherem os horários de acordo com suas localidades, segundo a coordenação, seria fundamental para o cumprimento da carga horário diária, livrando atrasos. Desse modo surgia uma hierarquia de turnos, onde ao iniciar as ofertas de vagas para o ano letivo, o turno da manhã era o mais disputado, majoritariamente ocupado por adolescentes da zona urbana. Para conseguir a tal vaga no turno da manhã, os pais se sujeitavam a pernoitar nas filas de matrícula, influenciados pelos filhos, que deixavam claro a predileção pelo turno matutino, a qual se concentrava alunos da zona urbana, em detrimento dos demais turnos como atrasados, quando na verdade tratava-se de um espaço onde estudantes de deferentes marcadores sociais estavam inseridos. Tais marcadores relacionavam-se ao fato da maioria ser negra, moradora da zona rural e periférica, trabalhadora diurna, ser pais de família, e por fim, o fato de serem alguns oriundos de EJA¹, que correspondiam a um alto percentual de vulnerabilidade social, e inferiorizados por um discurso de meritocracia.

A exposição acima foi que motivou a proposição desse projeto de pesquisa, pois foi a oportunidade que encontrei para conhecer outras versões da história do município de Baturité. Assim como Ratts (2009), através da realização da pesquisa proposta, buscar verificar os diferentes espaços, salientando suas práticas sejam eles urbanas ou rurais, tendo por meio da oralidade acesso à memória coletiva de territórios étnicos, suas identidades, bem como os confrontos dessa oralidade com a história documentada, e que predomina até os dias atuais. A pesquisa visa ainda contribuir para a formação de uma cidade consciente das diferenças sociais condicionadas às especificidades de cada grupo, sem com isso ser considerado inferior a ponto de ter sua existência invisibilidade.

O público alvo dessa produção será a comunidade baturiteense, em especial a comunidade quilombola Serra do Evaristo. Acreditamos na relevância da pesquisa, pois salvo

¹ Ensino de Jovens e Adultos.

engano, são inexistentes, são as obras que trabalham *A Invisibilidade da População Negra na História de Baturité-CE*, em especial, os moradores da Serra do Evaristo. Que relatam a ausência de retorno das produções acadêmicas feitas na localidade. Ademais a pesquisa busca a oportunidade de conhecer a história local, partindo de outra ótica. Há uma lacuna no que toca as ideias de Baturité para além de uma população cristã, elitista e branca.

Ao contrário do que versa a documentação oficial, cotidianamente, vive-se em Baturité outras formas de expressões para além da cultura padronizada trazida pelos portugueses. Não é difícil nos dias atuais encontrarmos rezadeiras, cultos de religiões de matriz africana, termos indígenas que dão nome diversos bairros da cidade de Baturité. Em pesquisa exploratória os mais velhos afirmam que certos hábitos são herdados desde os tempos antigos, as quais não conseguem datar. Há relatos de experiência, em que idosos recordam a presença indígena, em um deles, estimasse que por volta de 1955, ocupavam a localidade que hoje abriga o atual CSU, e gradativamente foram sendo expulsos pelos moradores. Embora muitos fatos tenham sido isolados da história documentada, tratam-se de práticas de pertencimento vistas até hoje, que podemos transformar em ferramenta na luta pela desmistificação da universalidade cultural, universalização essa que não contempla a pluralidade existente na real essência de Baturité.

Entre as obras revisadas e utilizadas no arcabouço teórico deste projeto, destacamos como fontes principais: Barros (2002) que nos orientará na mudança no cenário cearense dada a chegada dos jesuítas. Enquanto Gomes (2010) irá narra as estratégias da coroa portuguesa na busca controladora sobre a dominação do estado. Usaremos os dados tabelados de Sobrinho (2011) sobre população da Vila Monte-mor, a atual Baturité, aliados a Lemenhe (1991) e Castro (1991) que mencionam o capitalismo agrícola e a urbanização da época. Ratts (2009) contribuirá na problematização do silenciamento e (re)aparecimento dos povos tradicionais e por fim, mas não menos importante Minayo (2002) auxiliará na abordagem qualitativa, bem como suas técnicas de pesquisa.

Devemos também nos atentar para a negligência no ensino de História, que não atende Lei nº10.639, de 9 de janeiro de 2003 pautada no ensino da cultura Afro-Brasileira e Africana, a qual posteriormente adota a temática indígena através da lei nº 11.645 de 10 de março de 2008, tornando obrigatório em todas as instituições educacionais do país, desde o nível fundamental ao médio, o conteúdo da “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” (BRASIL,2003; 2008). Até os dias atuais a história de Baturité, assim como na história geral é exaltada em detrimento da população negra e indígena, que são lembradas apenas nos meses de

novembro e abril no dia da consciência negra e o dia do índio, perdendo a oportunidade de dar real sentido a lei,

Visando trabalhar a conscientização da população de Baturité. Pretendemos madurecer esse projeto, junto com colegas pedagogos (as) da comunidade quilombola Serra do Evaristo, resultando em um material bem didático, no qual possamos apresentar em escolas do município.

5.1. REFERENCIAL TEORICO

Neste momento do projeto, pretendemos utilizar alguns dos principais autores encontrados no Instituto Histórico do Ceará, entre eles Barros (2002), Gomes (2010), Ratts (2009) que se dedicam as temáticas: Identidade, efeitos coloniais, e território, estabelecendo assim um diálogo teórico.

O IHC objetiva reorganizar fatos históricos, não necessariamente anulando as antigas produções, mas traçando meios para desmembrá-las, havendo assim a possibilidade de rever fatos passados que inquietam (OLIVEIRA, 2001). Utilizando esse conceito e tendo ciência da escassez de produções relacionadas a Baturité-CE. Assim esta pesquisa fará recortes que mencionam o município em questão e as mudanças que aconteceram ao longo de tempo.

Deste acordo com Barros (2009) Os jesuítas e colonos chegaram às terras cearenses com a experiência de um século de colonização, contabilizados em outras regiões do país. Munidos por diversas armadilhas para efetivar o controle dos territórios, que eram marcados pela exploração da força de trabalho, violação sexual dos corpos femininos, usurpação de bens locais, criando uma série de confrontos, visto que alguns grupos indígenas, embora catequizados, não aceitavam as condições impostas e resistiam. Consta em um dos poucos documentos, que traz um registro cronológico de Baturité, a missão jesuítica Nossa Senhora da Palma, datada em 1655 (CATÃO, 1937)

Em 1764 ocorreu a expulsão da missão jesuítica em Baturité, bem como o confisco de seus bens. Partindo de uma ideia progressista pombalina aquele território passaria por uma série de mudanças, eis que surge a vila Monte-mor o novo da América (CATÃO 1937).

Segundo Gomes (2010) a criação das diversas vilas em pontos estratégicos da província cearense tratava-se de uma visão ambiciosa do colonialismo que visava uma população numerosa para que se pudesse desenvolver a agricultura local, para facilitar a arrecadação

financeira por meio do mercantilismo. O autor ainda enfatiza a preocupação dos colonizadores no controle social e satisfação das elites locais, com a conjuntura que se instaurava, visto que eles, sendo grandes comerciantes e fazendeiros, considerados cidadãos de bem, iriam receber cargos importantes, e teriam como função o domínio daqueles corpos. Gomes (2010) pontua alguns meios utilizados na época, para a garantia desse controle. Catão (1937) menciona a vinda de 150 indígenas de outro aldeamento, para que se formassem casais e assim desenvolvessem cultivo da terra

Através dos dados expostos por Hilário (2011) e Lemenhe (1991) no decorrer do século XVIII, podemos constatar a alta porcentagem de não brancos na cidade de Baturité, que correspondia a 71% da população, e uma forte exploração agrícola marcando aquele território. As narrativas de Castro (1999) retratam em Baturité a urbanização e o crescimento dessa agricultura. A qual nós permite associar a ligação dos fazendeiros do sertão atraídos pelo clima ameno e terras férteis baturiteenses, durante a seca que se deu naquele período, no conseqüente silenciamento da população negra, visto que a lei de terras de 1850 limitava a posse a partir compra, provocando o afastamento da população negra e indígena.

O silenciamento dos povos tradicionais provocado pelos diversos fatores mencionados a cima, teve uma trégua no final do século XX. Ratts (2009) aponta que o “(re)aparecimento” desses povos, se deu no início na década de 80. Na busca pelo direito de identidade o autor aponta algumas etnias indígenas e 20 comunidades negras rurais no interior do estado. Pontuaremos uma série de acontecimentos e movimentos sociais que segundo o ele propiciaram um resgate identitário no cenário cearense. Que são:

- O crescimento e consolidação do movimento indígena.
- O movimento negro, que se expandiu e com a contribuição feminina.
- Movimento Hip hop, originado na América do norte, e acolhido pelas comunidades periféricas.
- Produções de acadêmicos (as) negras (as) na área das humanidades.

Com base nos relatos de experiência, a comunidade quilombola Serra do Evaristo, situada em Baturité-Ce, foi um dos territórios descobertos e passou a abraçar a causa. Desde então o quilombo vem lutando por seu espaço, desenvolvendo atividades que reafirmam sua identidade, ressaltando a importância cultural e arqueológica daquele território.

Os autores apresentados acima contribuirão para fomentar um diálogo acerca da dinamicidade dos territórios tradicionais, bem como ajudarão na análise e compreensão das razões pelas quais os negros, especialmente da comunidade quilombola Serra do Evaristo são invisibilizados pela população não negra do município de Baturité-CE.

6. METODOLOGIA

De certo, toda investigação é levada pela inquietação e o desejo que nutrimos pelo conhecimento do que é real. A metodologia torna-se fundamental para que possamos desenvolver outras percepções dessa realidade, visto que ela nos fornece um vasto conjunto de técnicas capazes de refutar conhecimentos anteriores, que por si só não dão conta de explicar todos os fenômenos e processos de determinada sociedade. Desde modo nos basearemos na abordagem qualitativa a fim de investigar conhecimentos já abordados e trabalhar a oralidade para que possamos desenvolver novos referenciais Minayo (2002)

Tipo de pesquisa

Para que a pesquisa possa corresponder às expectativas depositadas, e responder questionamentos capazes de romper narrativas que evidenciam a invisibilização dos povos negros e indígenas em solo baturiteense, especialmente da comunidade quilombola Serra do Evaristo. Utilizaremos a abordagem qualitativa, aliada aos materiais bibliográficos, fontes primárias, entrevistas semiestruturadas, bem como aliaremos a oralidade para que possamos compreender a trajetória da cidade e a hierarquização relacionada a constituição étnica da cidade. Desde modo, a pesquisa qualitativa:

[...] trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. (MINAYO, 2009, p. 21).

Segundo a autora acima, tal abordagem possibilita o esclarecimento de fatos não apresentados, criando a oportunidade de desmitificar saberes pré-concebidos, sobretudo em relação aos territórios tradicionais e suas singularidades.

A abordagem qualitativa é dividida em três etapas, “(1) Fase exploratória; (2) trabalho de campo; (3) análise e tratamento do material empírico e documental” (MINAYO, 2009, p.

26) favorecendo a construção de novos saberes, contando como referências os fatos que já documentados.

6.1. Técnicas utilizadas

As técnicas utilizadas para a coleta de dados nesta pesquisa serão entrevistas semiestruturadas com captação de voz no gravador do celular, pois se entende que é uma forma de poder explorar mais amplamente uma questão. Em geral, as perguntas são abertas e poder ser respondidas dentro de uma conversa informal (MARCONI; LAKATOS, 2003).

6.2. Delimitações da pesquisa

A pesquisa será realizada na comunidade quilombola Serra do Evaristo, localizada geograficamente em Baturité-Ce, município com distância aproximada de 100 km da Capital do Estado do Ceará.

6.3. Descrição dos participantes e critérios de participação

Serão entrevistados homens e mulheres de diferentes idades, pois acreditamos que embora a fala dos mais antigos seja carregada de experiências que atravessam gerações, as narrativas jovens também tem peso, visto que eles circulam em diferentes espaços. Para tanto formulamos os seguintes critérios

6.4. Os critérios adotados para escolha dos e das participantes da pesquisa serão:

- Pertencer a comunidade quilombola Serra do Evaristo;
- Moradores com idade acima de 15 anos;
- Moradores da zona urbana de Baturité, com idade acima de 15 a 100.

6.5. Código de ética da pesquisa

No ato do convite para participar desta pesquisa os e as participantes serão informados a respeito de todo o processo, deixando-lhes evidente a possibilidade de abandonar a pesquisa a qualquer momento, livre de quaisquer penalidades, bem como total voluntariedade e sem

custo algum para a participação na pesquisa. Será mantido o sigilo de todas as informações, de toda a gravação, transcrição e até mesmo qualquer conversa informal a respeito, sendo apenas utilizadas para a implementação do estudo e produção de trabalhos científicos.

7. CRONOGRAMA

Calendário das Atividades	Período					
	1ºmês	2ºmês	3ºmês	4ºmês	5ºmês	6ºmês
Revisão Bibliográfica	X	X	X	X		
Fechamento das bibliografias e recolha dos dados	X	X	X	X		
Pesquisa de Campo		X	X			
Análise dos dados e discussão teórica		X	X	X	X	
Escrita da monografia		X	X	X	X	X
Revisão do texto final					X	X
Apresentação dos resultados ou defesa pública						X

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ciente da importante oralidade para a construção de novos saberes não documentados, que auxiliam diretamente nas transformações sociais, sobretudo ligadas a identidade, ancestralidade e autoafirmação, o presente projeto de pesquisa tem como principal objetivo compreender de que maneira ocorreu ao longo da história de Baturité-Ce a invisibilização da população negra, especialmente, a comunidade quilombola da Serra do Evaristo. Analisaremos as falas da comunidade quilombola e também dos demais munícipes, a fim de que possamos identificar os efeitos do colonialismo existentes nesse território, que desde o século XIII, centraliza o protagonismo branco em detrimento da população negra e indígena, tornando-as pouco ou quiçá nada representadas no enredo municipal, compactuando para a dificuldade na compreensão do dinamismo das identidades desses povos.

Entendemos que ao ir à campo, eventual dificuldade possa aparecer, todavia, a pesquisa seguirá fiel ao seu principal objetivo e durante sua realização, esperamos responder a todas as questões aqui apontadas, bem como afirmar ou refutar as hipóteses.

Visamos a realização da pesquisa como uma ferramenta de ruptura para A Invisibilidade da População Negra na História de Baturité-CE. incentivando outras produções.

REFERÊNCIAS

BARROS, Sérgio Barros. **Confrontos Invisíveis: Colonialismo e resistência indígena no Ceará**. 1. ed. São Paulo: ANNABLUME editora, 2002.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003. Brasília, 2003. Disponível em: <https://bit.ly/2SgaTAa> . Acesso 08 de Outubro de 2018.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Brasília, 2008. Disponível em: <https://bit.ly/2HiCPgg> . Acesso 08 de Outubro de 2018.

CASTRO, José Liberal de. **Urbanização pombalina no Ceará: A paisagem da vila de Montemor-o-Novo d'América**. Revista do Instituto do Ceará, Fortaleza, n. 113, p. 35-81, 1999. Disponível em: <https://bit.ly/2HeK9d1> . Acesso em 08 de novembro de 2019.

CATÃO, Pedro. **Subsidio geográfico, histórico e estatístico**. Revista do instituto do ceara, Fortaleza, n.51, p.49-99, 1937. Disponível em: <https://bit.ly/37h5RYt> . Acesso em 05 de março de 2017.

GOMES, José Eudes Arrais Barroso. **Um escandaloso teatro de horrores**. Fortaleza, Imprensa Universitária, 2010.

IPHAN. Comprovação arqueológica: Sítio Funerário descoberto no Ceará tem cerca de 700 anos, Fortaleza, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/3bv4Krq> . Acesso em 05 de março 2017.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos em metodologia científica**. São Paulo, Atlas, 2003.

LEMENHE, Maria Auxiliadora. **As razões de uma cidade, conflito de hegemonias**. Fortaleza, Atylus Comunicações, 1991.

MILES, Tshombe. **A luta contra a escravatura e o racismo no Ceará**. Fortaleza, Edições Demócrito Rocha, 2011.

MINAYO, Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2009.

OLIVEIRA, Almir Leal de. **O instituto histórico, geográfico e antropológico do Ceará – Memória, representações e pensamento social (1887 – 1914)**. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.

RATTS, Alex. **Traços Étnicos, especialidades e culturas negras e indígenas**. Museu do Ceará, Fortaleza, 2009.

SOBRINHO, José Hilário Ferreira. **“Catirina, minha nêga, tão querendo te vendê... Escravidão, tráfico e negócios no Ceará do XIX (1850-1881)**. Fortaleza, Secretaria da cultura do estado do Ceará, 2011.